

INTRODUÇÃO
ÀS FÓRMULAS
DA SEXUAÇÃO
E AOS GOZOS

"Não existe relação [*rapport*] sexual" na cama

A psicanálise revelou o desejo inconsciente por intermédio de seu suporte, a linguagem. O erotismo busca avivar o gozo sexual retardando o desfecho no prazer. Como imaginar uma relação entre a psicanálise e o erotismo se admitimos, com Lacan, que a relação [*rapport*] sexual não existe? Com a condição de que esta fórmula não seja um simples mantra ou um signo de reconhecimento entre lacanianos.

Cada um já provou o inefável do gozo sexual e teve uma intuição (certamente falaciosa) daquele do outro. Lacan propôs, a partir do inconsciente freudiano, uma nova articulação do gozo, que tem consequências rigorosas e subversivas. No *Seminário Encore*, ele vai analisar o laço entre o gozo em geral – digamos, teórico – e o que se passa na cama. E isso desde a primeira aula, na qual ele diz: “Nosso caminho, o do discurso analítico, só progride por esse limite estreito, por esse corte de faca [...]”¹⁶. Isso evoca a castração. E esse será o único caminho para abordar o gozo, porque de outro modo, diz ele, isso só pode “se ouspiorar”¹⁷, só pode se dizer pior.

16 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore* [1972-1973]. Paris: Editions du Seuil, 1975. p. 9-10; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 10.

17 *Id.*, *loc. cit.*; *id.*, *loc. cit.*

Lacan quis aqui ultrapassar, como ele diz, um Eu [*je*] “não quero saber de nada disso”¹⁸ – que testemunha o temor do sujeito de se dar conta do saber inconsciente que rege o seu gozo.

1 Gozamos do Real

Primeiro ponto, que não é, por outro lado, trivial: gozamos do Real; não da realidade, mas do Real. O que ele sustenta, em 1959, no seu *Seminário A ética da psicanálise* ¹⁹.

Sigamos o seu raciocínio. No começo, admitamos que o animal humano tem relação com o Real.

Observemos que isso já é um mito: enquanto o animal reage a estímulos reais que desencadeiam ciclos instintuais, o bebê está, desde o seu nascimento (talvez ainda mais cedo), em um banho de linguagem, de ritmos não naturais, mas regidos por estruturas simbólicas.

Mas é preciso supor um tempo lógico no qual o Simbólico – o significante no seu conjunto – é afirmado e separa o Real, o qual se afasta em uma representação. Freud nomeia esse momento *Bejahung* – a partir daí, o mundo se constituirá por um mecanismo de deneгаções sucessivas. Desde então, o gozo do Real será “derivado” na linguagem, nas pulsões (Lacan propunha traduzir *Trieb* por *drive*, que é próxima, ou por *dérive* [deriva] em francês). Freud as nomeou *parciais*, em relação à pulsão genital global suposta por ele. Mas o importante é que a pulsão visa um objeto em torno do qual ela vai girar, o objeto *a*; ela tem também uma determinação languageira, assim como imaginária, uma vez que ela é ligada a um orifício.

Ora, o Real “transborda” o Simbólico, ou seja, ele não pode ser “todo” simbolizado. Como acessá-lo? Pela pulsão, há um acesso, porém obscuro. Para Aristóteles, o empíreo seria o Real, com suas estrelas fixas e os retornos periódicos: “o que retorna sempre ao

18 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore*, op. cit., p. 9-10; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 10.

19 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

mesmo lugar”²⁰, disse Lacan. Temos dele um outro acesso parcial, passando pela linguagem. Pela lógica, por exemplo, que determina o que é impossível (o *im-possível*, é o real, é o que não pode ser de outra forma, uma vez que o *possível* é o que pode ser de outra forma). Lacan retomará a teoria das “ficções” de Bentham para designar os artifícios linguageiros que repartem o gozo do Real.

É em relação ao gozo do Real que o sujeito é determinado.

Tudo isso poderia parecer muito abstrato, mas Lacan o esclarece... de qualquer forma, por uma ficção suplementar. O Real que, logicamente, precedeu a *Bejahung* (mas, de fato, a *Bejahung* veio constituir-lo pela partilha que ela opera) é o que ele chama *das Ding*: primeiro objeto real, portanto, mas que as cadeias significantes não poderão simbolizar, a não ser de forma incompleta.

Entrando na linguagem, a criança deve renunciar a isso *de todas as formas*.

Evidentemente, é a mãe que fornece uma figura a essa Coisa, que inicialmente a encarna. E poderíamos dizer que o complexo de Édipo é a encenação dessa renúncia inelutável. Mas fazendo intervir o terceiro simbólico, a lei, o interdito, o desejo que, dessa forma, vai adquirir uma cor sexual. Retornaremos a isso.

2 O prazer e o gozo

Um sujeito é sempre orientado por uma ética, explícita ou não. Ora, a nova ética que a psicanálise traz leva em conta o gozo enquanto tal. Lacan dirá que ela é *baseada no Real*. Isso no sentido contrário das éticas tradicionais que visavam a temperar o gozo: não demais, sobretudo se isso prejudica a outrem. Kant vai recolocar o problema e propor uma alternativa na ética: de um lado, o “patológico”, ou seja, o que seria o interesse individual do sujeito; do outro lado, o imperativo categórico que se apresenta como um dever universal.

20 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1953-1954]. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. p. 322.

Na renovação da ética trazida pela psicanálise, nos encontramos também diante de uma alternativa, não necessariamente consciente, para o sujeito. Uma alternativa entre dois polos ou, como dizia Freud, entre dois princípios.

▸ Por um lado há o “princípio do *prazer*” que visa à extravasão da excitação pelas vias mais curtas; pelo alívio orgânico sem dúvida, mas também e sobretudo pelas vias significantes, seguindo as vias do que Freud chamava o *processo primário*. O “princípio de realidade” é simplesmente uma consequência disso, ele tempera a decepção trazida pela alucinação.

▸ O segundo princípio é isso que Freud chama o *além do princípio do prazer* – mas é preciso, talvez, nos desligarmos do Imaginário trazido pelos termos de pulsão de vida e pulsão de morte. Para Lacan, relendo Freud, é isso que visa o *gozo do Real*, sempre pelas mesmas vias.

Lacan desenvolve essas proposições extremamente claras e mostra que podemos, a partir de Kant, mas nos servindo de Sade²¹, construir uma ética coerente, substituindo o imperativo categórico pelo desejo singular, orientado em direção ao gozo do Real.

É preciso aceitar a audácia dessas teses, em razão de seu valor clínico, deixando de lado aqui o paradoxo (do qual Lacan não se esquivava) do perverso.

– Gozo: ao supereu freudiano, que qualifica como obsceno e feroz, ele atribui a ordem: “*Gozal!*” É importante notar que esse gozo do Real não serve para nada: ele é o seu próprio fim em si mesmo.

– Prazer: enquanto alivia uma tensão, o prazer faz sair do gozo (e da dor) que o Real provoca²².

21 LACAN, Jacques. Kant com Sade [1963]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.776-803.

22 Um exemplo clínico extremamente simples para fazer sentir a diferença seria aquele da ejaculação precoce, na qual o sujeito não suporta o gozo e escapa dele pelo prazer imediato. (N. do A.)

3 A castração

O Real não pode ser todo simbolizado, ele aparece enquanto buraco no Simbólico. Lacan dá um passo audacioso escrevendo um significante dessa falta na linguagem, um significante disso que as cadeias significantes jamais alcançarão. Ele lhe confere uma escritura abstrata, $S(\mathbf{A})$. Essa inscrição, unitária de qualquer forma, permite uma aproximação coerente do Real.

Esse $S(\mathbf{A})$, esse significante de uma falta no outro, poderíamos chamá-lo Deus, por exemplo, ou o Ser para os metafísicos. Mas a psicanálise dirá o *falo*, pois sabemos que o Real que faz furo no Simbólico é interpretado, por nós *falasseres*, nas relações da nossa vida, como desejo sexual. A menor manifestação do inconsciente nos indica isso. Além do que, todas as sociedades (que podemos considerar como seres vivos que se reproduzem) institucionalizam o sexual: as identidades repousam sobre os clãs, as famílias, as conjunções sexuais permitidas ou interditadas.

É por isso que Charles Melman, a partir de Lacan, dirá que o nome dessa interpretação sexual do furo do Real no Simbólico é a “castração”. Poderíamos dispensar um ponto de vista lógico e considerar que o Real, o Simbólico e o Imaginário podem fazer um nó a três? Torna-se difícil, então, pensar o que faz laço social e organiza uma realidade comum. Digamos que, para o trabalho do lógico ou do físico, a castração não terá importância, mas ele a encontrará nas suas relações com o Outro, o outro, enquanto ser sexuado, na sociedade em que ele vive.

Uma outra maneira de dizer é que não existe “relação sexual”. Não que não haja conjunção sexual bem-sucedida, evidentemente, mas isso, poderíamos dizer, é contingente, não prova nada, não é inscritível como um princípio do qual poderíamos extrair as consequências. É pelo sexual que nós interpretamos esse furo do Real no Simbólico, ou pelo falo, para dizê-lo precisamente. Esse falo que o pênis encarna no corpo, porque, podendo faltar, ele se presta à simbolização (+) (-).

Assim também as expressões culturais da poesia, da literatura, da mística se exprimem de bom grado por meio de uma temática sexual. E é justamente porque “a relação sexual não existe” que uma “relação sexual” supostamente alcançada pode figurar uma espécie de limite mortal.

Se houvesse relação sexual, se o falo não tivesse mais esse valor para simbolizar o furo real, seria preciso interpretá-lo de outra forma. Nós o encontramos na clínica, evidentemente. Pensemos no toxicômano, para quem esse furo se torna a privação de um produto químico, ou ainda na anoréxica, que o reconstitui de outra forma no seu corpo. É o que diz Lacan: ou é a castração, ou é pior.

Vamos resumir dizendo que cada um tem que lidar com a falta de gozo que governa sua subjetividade, e que essa falta se exhibe em geral sob uma cor sexual.

4 O Um imaginário

Lacan ressalta que a conjunção sexual não chega ao *um*, ela não chega, jamais é bem-sucedida, a não ser ilusoriamente, a encontrar a peça faltante que tamponaria essa falta no Outro. E que será preciso recommençar sem parar para chegar ao mesmo fracasso.

Na tese do jovem Lacan, na qual o desejo é definido por um ciclo de comportamento, encontramos a mesma ideia:

Ele se caracteriza por certas oscilações orgânicas gerais, ditas afetivas, por uma agitação motora, que conforme os casos é mais ou menos dirigida, por certas fantasias enfim, cuja intencionalidade objetiva será, conforme os casos, mais ou menos adequada; quando uma experiência vital dada, ativa ou sofrida, determinou o equilíbrio afetivo, o repouso motor e o desvanecimento das fantasias representativas, dizemos por definição que o desejo foi saciado e que essa experiência era o *fim* e o *objeto* do desejo. Pouco nos importa que as fantasias estivessem conformes ou não à imagem desse objeto, ou seja, que o desejo tivesse sido consciente ou inconsciente.

O próprio conceito do *inconsciente* responde a essa determinação puramente *objetiva* do fim do desejo.²³

Essa definição provoca o riso pelo quanto ela se pretende científica, quase no sentido do laboratório. Mas ela não vai de encontro ao que ele dirá mais tarde sobre a não-relação sexual, ela não supõe que o estreitamento seja fazer *um*. Cada um é confrontado com o Real do seu gozo que se renova, que faz ciclo.

Evidentemente, existe o mito, o mito que dá a forma de história a uma falha da estrutura, sempre houve devaneios sobre o que viria tamponar o hiato que separa os *falasseres*. Por exemplo, o discurso de Aristófanes no *Banquete*, com o ser primitivo completo que teria sido cindido por um deus em dois seres separados. Mas o amor é antes de tudo narcísico. A impotência que se ressent do amor diz respeito ao sonho de ser Um, mas a fusão só pode ser imaginária. Lacan o retoma com humor, é o amor da periquita que se identifica a Picasso e à sua vestimenta.

Vamos dar antes o valor a uma observação encontrada nos diários de Charles Baudelaire:

No amor, como em todos os negócios humanos, o entendimento cordial resulta de um mal-entendido. Esse mal-entendido é o prazer. O homem exclama: – Ó meu anjo! A mulher arrulha: – Mamãe! Mamãe! E os dois imbecis estão persuadidos de que pensam de acordo. – O abismo infranqueável, que gera a incomunicabilidade, permanece infranqueado.²⁴

A ironia do poeta romântico lhe permite observar que os parceiros são separados por uma falha então suprema, enquanto creem se

23 LACAN, Jacques. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*; seguido de *Primeiros escritos sobre a paranoia*. Tradução Aluísio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 311.

24 BAUDELAIRE, Charles. *Meu coração desnudado*. Tradução Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 106.

unir no *mesmo* gozo. Diríamos que cada um lida com um Real cujo acesso lhe é próprio.

No *Seminário 7, A ética da psicanálise*, o gozo aparece ao mesmo tempo como ardente e abstrato. Mas a conjunção sexual não é o encontro entre duas mônadas.

5 A lógica da falha

De todo modo, o *um* não é uma realidade metafísica, menos ainda um todo fisiológico, mas um significante. Mas, por trás desse *um* suposto, jamais alcançado, veremos “algo que se prender ao ser e, por trás do ser, ao gozo”²⁵.

A questão não se coloca evidentemente no animal que busca alcançar o prazer o mais rapidamente possível. Nada de erotismo, nada de gozo, já que não há linguagem, a sexualidade sendo nele uma função fisiológica entre outras, às vezes mesmo sem a conjunção. Rebaixar o estreitamento humano ao coito animal diz respeito a um mito edênico ingênuo: uma natureza fora da linguagem, onde haveria a relação sexual. Por outro lado, a diversidade das práticas sexuais e as identificações masculinas e femininas no *fallasser* desencorajam toda abordagem “natural”.

O que ocorre no estreitamento? Ele é diferente para o homem e para a mulher? Em *Encore*, Lacan nos espanta ao abordar o problema, não a partir da anatomia, mas a partir de ferramentas lógicas. Na verdade, é o que deveríamos esperar, uma vez que o Real, longe de ser abordado diretamente, só é alcançado pelas ficções. Ele se refere a dois regimes de gozo diferentes, que podemos estenografar como masculino e feminino ou, se referindo a uma aula posterior, ligar ao lado esquerdo ou direito do “quadro da sexuação”.

Mas a primeira aula do *Seminário Encore*, em particular, já se refere à falha que separa os parceiros – uma falha ou, diz Lacan, uma hiância. Falha [*faille*] não é um termo matemático como poderíamos

25 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore*, op. cit., p.12; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 13.

crer afinal. É um substantivo, “uma falha”, mas é também uma forma verbal para dois verbos, falhar [*faillir*] e dever, ser preciso [*falloir*] que possuem uma mesma etimologia, mas sentidos diferentes. Em francês, a palavra chega a soar parecida com falo [*phallus*].

Impossibilidade de estabelecer a relação *dois*, a relação dos dois sexos: cada parceiro se encontra ante uma falha. E de duas maneiras:

- a falha que o separa do seu gozo (que só é alcançável provisoriamente, e cujo alcance é relançado pelo desejo);
- mas também a falha que o separa do outro.

Trata-se da mesma falha, tomada de duas margens, de duas bordas diferentes?

6 A lógica do humor: Aquiles e a tartaruga

É algo inesperado Lacan tomar, para ilustrar essa relação, um paradoxo bem conhecido, o “paradoxo” de Aquiles e a Tartaruga, enunciado por Zenão de Eleia, tal como ele nos foi transmitido na *Física* de Aristóteles (em que o Filósofo se esforça para refutá-lo).

Zenão era o discípulo de Parmênides que sustenta a metafísica do seu mestre sobre o Ser e o Um. Ele deixou vários paradoxos dos quais quatro pretendem mostrar que não podemos dividir o Um sem cair em aporias. Por exemplo, que uma pedra lançada não atinge jamais seu ponto de chegada, uma vez que ela deverá, de início, percorrer a metade da distância, em seguida, a metade da distância restante, e assim por diante, de forma que ela deve percorrer uma infinidade de espaços antes de concluir.

O paradoxo de Aquiles e a tartaruga é da mesma ordem. Suponhamos que Aquiles, o corredor de pés ligeiros, e a lenta tartaruga se desafiam para uma corrida. Aquiles dá à tartaruga uma vantagem: ela partirá do ponto Ao, por exemplo. O sinal de partida é dado. Mas, quando Aquiles atinge Ao, a tartaruga avançou e se encontra um pouco mais adiante, em A1. Quando Aquiles atinge A1, ela se encontra um pouco mais adiante, em A2, etc. Aquiles não poderá alcançar jamais a tartaruga? A experiência prática mostra evidentemente o contrário, e um cálculo trivial determina o tempo necessário para

Aquiles ultrapassar a tartaruga. O paradoxo é hoje facilmente superado: uma sequência infinita pode ter um limite finito.

Lacan já havia utilizado a mesma fábula no *Seminário As formações do inconsciente*, na aula de 11 de dezembro de 1957, a propósito do equívoco acerca do “*pas de sens*”. A palavra *pas*, em francês, é entendida ao mesmo tempo como negação e como o *passo* do caminhar. É preciso observar que o sentido é sempre metafórico, alusivo, e que, desde que ele é submetido à dialética da demanda introduzida pelo significante, ele jamais é alcançado, de forma alguma.

Tudo o que diz respeito à linguagem procede por uma série de passos semelhantes àqueles com que Aquiles nunca, nunca chega à tartaruga – tende a recriar um sentido pleno que, no entanto, nunca é atingido, que está sempre em outro lugar.²⁶

O “sentido pleno” jamais alcançado desse Seminário é análogo à resposta que constituiria a relação sexual. O homem e a mulher, como Lacan vai mostrar, não podem se encontrar senão na infinitude.

Eu repito que não podemos nos contentar em considerar que eles estão em espaços diferentes, como os corredores diferentes numa pista de corrida – eu falava há pouco de mônadas – onde Aquiles poderia assim ultrapassar a tartaruga sem encontrá-la. Com isso, não iríamos muito longe.

É muito mais interessante partir do fato de que o *Outro sexo se torna, de alguma forma, para o homem, a encarnação da falha*.

7 O marco fálico

Ante uma falha, “Parto do limite, de um limite do qual com efeito é preciso partir para se ser sério, quer dizer, para estabelecer a série daquilo que se está aproximando”²⁷.

26 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente* [1957-1958]. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016. p. 107.

27 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore, op. cit.*, p.10; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro*

O lado do homem, o lado esquerdo do quadro, é finalmente simples: estamos no domínio do todo, do *tudo sexual*. O gozo vai ser limitado pelo marco fálico (daí a perversão ordinária), e é ele que vai decidir o desfecho no prazer. Freud se deteve aí, só existe uma libido, a libido masculina. Dito de outra forma, a castração reina.

Eu lembrei que o Real não pode ser alcançado diretamente, mas somente de forma indireta, pela deriva nas cadeias significantes. De que goza o homem? Não se trata do sexo que “não lhe *diz* nada”²⁸, nem dos caracteres sexuais secundários que, diz ele, “são os da mãe que primam nela”²⁹. É necessário dizer novamente que não se trata de um acesso regido pelo instinto, uma vez que não são os caracteres sexuais primários ou secundários em si mesmos que intervêm. Finalmente, se esfregando no outro corpo, de que ele goza?

Uma proposição essencial desse Seminário é dada aqui: *Esse corpo do outro simboliza ou encarna o grande Outro*. Não se trata do Outro dos existencialistas, mas evidentemente do Outro do significante. Entre o homem e a mulher, há um mundo, dizia um poema que Lacan havia comentado no ano precedente.

Nós o encontramos aí desta forma: esse corpo que eu estreito: “Isso só se goza por corporizá-lo de maneira significante”³⁰. Em primeiro lugar, não sou *eu* que gozo: *ele* se goza (com a neutralidade da terceira pessoa, como se diz em francês “*il pleut*” [chove]). Existe gozo do corpo do outro, sim, mas enquanto ele encarna o Outro constituído pela linguagem, pelo significante. É por isso que podemos falar do Outro sexo.

Nesse Outro significante que aí se encarna, o amante vai buscar o objeto *a* da sua fantasia. Não é um objeto “natural”, é um objeto ao mesmo tempo real, simbólico e imaginário, que anima esse corpo do Outro. Lemos em “Subversão do sujeito” a frase difícil (em espelho):

20: *mais, ainda, op. cit.*, p. 10.

28 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore, op. cit.*, p.13; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda, op. cit.*, p. 14. Grifo do autor.

29 *Id.*, *loc. cit.*; *id.*, *loc. cit.*

30 *Id.*, *ibid.*, p. 26; *id.*, *ibid.*, p. 29.

“Presa capturada na rede da sombra [...]”³¹. Esse corpo do Outro é como uma sombra, mas uma sombra *a-sexuada*, onde o desejo encontra sua causa no *a* que o anima. Esse desejo pode ser “esteio de sua insatisfação, se não de sua impossibilidade”³², uma vez que ele se sustenta pela ausência.

“E eu te abro como um livro, onde leio isso que me mata”, diz um poema erótico admirável de Georges Bataille, um homem, evidentemente, uma vez que ele deve passar pelo Simbólico para se aproximar do Real.

O corpo da parceira poderia permitir gozar do Outro a ponto de se apoiar sobre o Real que orienta o sujeito? Poderíamos sonhar se o gozo não fosse aqui um gozo de órgão: ele é barrado pelo prazer. Com a “queda da asa”³³, ele retoma consciência, ele se torna novamente sujeito da falta, existe “[...] objeção de consciência, feita por um dos dois seres sexuais, ao serviço a ser prestado ao outro”³⁴. E tudo o que temos de fazer é começar de novo. É o impasse do gozo fálico. Ele se choca sempre “na atração do limiar”³⁵. Se bem que o gozo do corpo do Outro “só se promove pela infinitude”³⁶. Com a mesma parceira, ou *mille e tre*, mas de toda maneira, uma a uma.

O gozo sexual é, portanto, limitado nos dois sentidos: ele é ao mesmo tempo estúpido, gozo do órgão, mas também limitado pelo prazer. O homem procura nessa parceira *corporizada de maneira significativa*³⁷ um objeto que ele não alcançará:

31 LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo [1960]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842. p. 832.

32 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore, op. cit.*, p. 12; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda, op. cit.*, p. 13.

33 LACAN, Jacques. *Kant com Sade, op. cit.*, p. 784.

34 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore, op. cit.*, p.13; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda, op. cit.*, p. 14.

35 Retomo a expressão do poeta Yves Bonnefoy. *Dans la leurre du seuil*. Paris: Mercure de France, 1975. (N. A.)

36 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore, op. cit.*, p.13; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda, op. cit.*, p. 14.

37 *Id.*, *ibid.*, p. 26; *id.*, *ibid.*, p. 29.

– por razões lógicas (o falo é interpretante do furo no Simbólico: ele interpreta o impossível do Real)

– e porque a busca é rapidamente detida pelo prazer (o homem é de qualquer forma desconcertado: impotência), se bem que não lhe resta senão a hiância, a falha.

8 O espaço aberto do gozo na mulher

Em outro regime lógico, aquele do gozo feminino, do lado direito do quadro da sexuação, há também uma falha, mas podemos dizer ainda mais.

Essa falha também é interpretada pelo falo. A mulher também aborda o Outro *corporizado de maneira significativa*³⁸: ou seja, ela tem um acesso ao gozo fálico e, também, pelo órgão que encarna o falo. Dito de outra forma, o seu gozo também é limitado e atado à significantização do corpo do outro onde ele busca um objeto *a*. Nesse sentido, como o homem que busca um Real pela simbolização, ela só alcança a falha.

Mas ela está nesse gozo enquanto não-toda, diz Lacan. Há algo a mais? Essa será a grande questão do *Seminário Encore*: “Do outro lado, será que algo pode ser atingido, que nos diria como aquilo que até aqui é só falha, hiância, no gozo, seria *realizado*?”³⁹. A questão se coloca de um Real abordado por outros meios que não o significante. O que seria então aproximado seria um gozo não limitado pelo falo, nem pelo prazer, nem mesmo pelo significante. Que, por exemplo, passaria pelo Imaginário do corpo. Ou pela letra.

9 O amor e o gozo remetem à mesma falha em lógicas diferentes

Outra tese que decorre da não-relação sexual é nossa ideia de que “o infinito não vem do Um”, como puderam pensar os teólogos,

38 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore*, op. cit., p.26; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 29.

39 *Id.*, *ibid.*, p. 14; *id.*, *ibid.*, p. 15. Grifo do autor.

“mas do Outro”. Com efeito, visar o Real no Outro demanda uma reiteração infinita: ainda [*encore*] (que deve ser entendido como “em corpo” [*en-corps*], mas também como a exigência de recomençar), é o nome, nos diz Lacan, da falha, e é daí que parte a demanda incondicional do amor.

Notemos que ele separa rigorosamente o gozo do amor.

A busca do gozo (visado no infinito) pode querer ser uma resposta à demanda de amor que se origina no Outro, pode acreditar que põe um ponto de parada aí. Contudo ela não é suficiente, mas precária, uma vez que o amor demanda sempre mais amor. Ela não é tampouco necessária: pode haver essa demanda de amor sem o gozo.

10 Abordar a falha pela topologia

Lacan tenta abordar pela topologia esses diferentes regimes de gozo, uma vez que o gozo fálico é limitado: “[...] tomar algo de circundado, de fechado, é um lugar, e falar dele, é uma topologia”⁴⁰. Salientemos, aliás, que ele não retomará esse raciocínio, e que essa parte da aula resta um pouco obscura nas suas formulações, mesmo do ponto de vista matemático. Podemos, todavia, arriscar uma interpretação intuitiva, certamente vulnerável.

Um espaço é fechado se ele contém seus limites; é cômodo representá-lo, e é isso que faz, implicitamente, sobre a reta $\mathbb{R}$ de reais. Escrevemos $[0,1]$, espaço fechado que vai de 0 a 1, incluindo o 0 e o 1. No caso contrário, dizemos que o espaço é aberto, e escrevemos então $]0, 1[$, um espaço que não abrange nem o 0, nem o 1; ou $]0,1]$ se ele compreende o 1 mas não o 0.

Lacan parece aqui admitir que a falha que separa o sujeito do seu gozo próprio se confunde com aquela que o separa do outro. Essa falha, nos diz ele, é *compacta*, e, a partir dessa noção matemática, ele explica que há modos, diferentes, mas equivalentes, de defini-la: a partir de recobrimentos com os fechados e com os abertos.

40 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore*, op. cit., p.14; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 15.

Por exemplo: “[...] se é bem claro que a interseção de tudo que se fecha sendo admitida como existente num número infinito de conjuntos, daí resulta que a interseção implica esse número infinito”⁴¹.

Compreendemos que o que se fecha aí (e isso evoca o gozo fálico) permite deduzir um infinito como ele o diz na aula.

De uma parte, e Lacan nos apresenta essa definição como complementar, sobre um intervalo fechado e limitado qualquer, podemos sempre extrair um sub-recobrimento finito de um recobrimento infinito. O gozo da mulher não é limitado. A falha é para ela um espaço topologicamente fechado. Mas, de todos esses recobrimentos abertos (incluindo infinitos), podemos extrair um sub-recobrimento finito.

Aí também, de outra forma, podemos extrair o finito, a partir disso que se apresenta como infinito.

Vamos concluir sobre o que Lacan deduz dessa lógica do gozo. É preciso recusar todo recurso a uma substância, ao ser. Mesmo o *homem é* lhe parece dever ser recusado como incompleto e não ser mais que a fratura do predicado *ser sexuado* enquanto o ser sexuado diz respeito ao gozo.

Ele completa aqui o que havia desenvolvido anteriormente. De uma parte, é o modo de gozo que caracteriza a sexuação, e não a anatomia. De outra parte, dizer que não há ser senão sexuado, é uma forma de elaborar a proposição fundamental: não há relação sexual.

TRADUÇÃO: *Marcus do Rio Teixeira*

41 LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore*, op. cit., p.14; LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 15.

Jean-Paul Beaumont exerce a psicanálise e a psiquiatria em Paris. Dirigiu, durante dez anos, o Colégio da ALI e foi presidente da *Association Lacanienne Internationale*, de 2017 a 2020. Contribuiu para uma edição mais fiel dos Seminários de Lacan e, notadamente, publicou as transcrições de *A lógica da fantasia*, *A angústia*, *As estruturas freudianas das psicoses*, *Os conceitos fundamentais da psicanálise*. É redator-chefe do *Journal Français de Psychiatrie*. O autor se interessa pelos seguintes temas: o alcoolismo, a fobia, a ética, mas também pela psicanálise do ritmo. *E-mail*: jeanpaulbeaumont@free.fr.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, Charles. *Meu coração desnudado*. Tradução Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BONNEFOY, Yves. *Dans la leurre du seuil*. Paris: Mercure de France, 1975.
- LACAN, Jacques. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*; seguido de *Primeiros escritos sobre a paranoia*. Tradução Aluísio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge, Potiguara Mendes da Silveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1953-1954]. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente* [1957-1958]. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo [1960]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.p. 807-842.
- LACAN, Jacques. Kant com Sade [1963]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Imago, 1998. p. 776-803.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XX: Encore* [1972-1973]. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.